

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Queen of the Tearling*

Autora: *Erika Johansen*

Copyright © 2014 by Erika Johansen

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Miguel Romeira*

Imagem do castelo Hohenzollern da capa © Gettyimages/Rolphus

Restantes imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Mapa: *Rodica Prato*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 406 239/16

1ª edição, Lisboa, abril, 2016

Reservados todos os direitos

para Portugal à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt



# Livro I



## *Capítulo 1*

# O Décimo Cavalo



*A Rainha Glynn – Kelsea Raleigh Glynn, sétima Rainha de Tearling. Também conhecida por: A Rainha Marcada. Acolhida e criada por Carlin e Bartholemew (Barty, o Bom) Glynn. Mãe: Rainha Elyssa Raleigh. Pai: desconhecido. Lista de especulações no Apêndice XI.*

*A História Inicial de Tearling,  
CONFORME RELATADA POR MERWINIAN*

Perfeitamente imóvel, Kelsea Glynn viu a cavalaria aproximar-se da propriedade. Os homens avançavam em formação militar, um cavaleiro em cada canto, todos trajando o cinzento da guarda real de Tearling. Os seus mantos ondulavam ao vento enquanto eles cavalgavam, deixando entrever armas valiosas: espadas e punhais feitos de aço de Mortmesne. Um deles trazia, inclusivamente, uma moca; Kelsea conseguia ver a cabeça cheia de espigões metálicos a espreitar da sela. A expressão carrancuda de todos eles ao aproximarem-se da casa deixou a situação bem clara: não queriam estar ali.

Envolta no seu manto e de capuz na cabeça, Kelsea continuou sentada na bifurcação do tronco de uma árvore a dez metros da porta da frente da sua casa. Vestia de verde-escuro desde o capuz até às botas, que eram cor de pinho. Do pescoço pendia-lhe um fio de prata pura com uma safira. A joia tinha o irritante hábito de lhe saltar para fora

da gola minutos depois de Kelsea a ter metido para dentro; não deixava de ser apropriado, porque, desta vez, a safira estava na origem do problema.

Nove homens, dez cavalos.

Os soldados chegaram à pequena área varrida de folhas diante da casa e desmontaram. Ao tirarem os capuzes da cabeça, Kelsea viu que eram bem mais velhos do que ela. Aqueles homens estavam todos na casa dos trinta e dos quarenta e partilhavam a mesma aparência dura e maltratada — o resultado de uma vida passada a combater. Aquele que trazia a moca resmungou qualquer coisa e todos os outros levaram automaticamente a mão à espada.

— O melhor é não demorarmos — disse um homem alto e magro, cujo tom autoritário o denunciava como sendo o líder do grupo. Avançou e bateu três vezes à porta, que se abriu de imediato, como se Barty já estivesse ali à espera. Mesmo do seu ponto de observação elevado, Kelsea conseguiu ver que a cara abolachada de Barty parecia envelhecida e que os seus olhos estavam vermelhos e inchados. Fora ele a mandá-la ir passear pela floresta nessa manhã, por não querer que ela testemunhasse o seu desgosto. Kelsea protestara, mas o guardião não quisera saber de recusas e acabara simplesmente por empurrá-la porta fora, dizendo: «Vai lá despedir-te da floresta, rapariga! O mais certo é demorar muito até eles te deixarem tornar a andar à solta por onde te apetecer.»

Kelsea lá acabara por ir e passara a manhã a vaguear pela floresta, passando por cima de troncos de árvore caídos e detendo-se de vez em quando para ouvir a quietude que ali reinava — um silêncio perfeito, em total contradição com a abundância de vida que a floresta encerrava. Chegara mesmo a caçar um coelho, apenas por desfastio, mas soltara-o logo de seguida; Barty e Carlin não tinham falta de carne e ela não sentia prazer algum em matar. Ao ver o coelho afastar-se aos saltos e desaparecer na floresta onde ela passara tanto tempo da sua infância, Kelsea tornou a experimentar dizer aquela palavra, mas era como se tivesse a boca cheia de cinzas. *Rainha*. Uma palavra ominosa que pressagiava um futuro lúgubre.

— Barty — saudou o líder do destacamento. — Há quanto tempo... Barty resmungou algo de incompreensível.

— Vimos buscar a rapariga.

Assentindo, Barty enfiou dois dedos na boca e lançou um assobio agudo e penetrante. Kelsea deixou-se cair da árvore sem fazer ruído e, de coração acelerado, deixou o esconderijo do arvoredo. Sabia

como usar a sua faca para se defender de um atacante isolado; Barty fizera questão de lho ensinar. Mas aquele destacamento profusamente armado intimidava-a. Sentiu os olhos de todos aqueles homens a fixarem-se em si, como se a avaliassem. Não se parecia minimamente com uma princesa e sabia-o.

O líder, que tinha uma expressão dura e uma cicatriz na ponta do queixo, fez-lhe uma vénia pronunciada.

— Vossa Alteza, chamo-me Carroll e sou o capitão da guarda da falecida rainha.

Só ao fim de um momento é que os restantes se inclinaram também. O da moca baixou-se talvez um ou dois centímetros, mal se dando pelo inclinar do seu queixo.

— Temos de ver a marca — resmungou um dos guardas, cujo rosto mal se via sob a barba ruiva. — E também a joia.

— Achas-me capaz de burlar o reino, homem?! — replicou Barty com aspereza.

— Ela não se parece nada com a mãe — retaliou o guarda da barba ruiva.

Kelsea corou. Segundo Carlin, a Rainha Elyssa fora uma clássica beleza de Tearling, alta, loura e elegante. Embora igualmente alta, Kelsea era morena e o seu rosto apenas se poderia descrever como «normal» — e já isso exigia alguma generosidade. Tão-pouco se podia descrevê-la, de forma alguma, como «escultural»; fazia muito exercício, mas também tinha muito apetite.

— Ela tem os olhos dos Raleigh — comentou outro dos guardas.

— Eu preferia ver a joia e a cicatriz — replicou o líder e o guarda ruivo concordou com um assentimento.

— Mostra-lhes, Kel.

Kelsea puxou a safira de dentro da camisola e ergueu-a à luz. Usava aquele fio desde sempre, mas, naquele momento, a sua maior vontade era arrancá-lo do pescoço e devolvê-lo àqueles homens. Só que Barty e Carlin já lhe tinham explicado que não a deixariam fazer isso. Ela era a princesa herdeira de Tearling e aquele era o seu décimo nono aniversário, a idade com que os monarcas de Tearling subiam ao trono, já desde o tempo de Jonathan Tear. Se fosse preciso, a Guarda da Rainha levá-la-ia arrastada para a Fortaleza, por mais que ela berrasse e esperneasse, e amarrá-la-ia ao trono, onde ficaria sentada, afogada em sedas e veludo, até a assassinares.

O líder assentiu ao ver a joia e, então, Kelsea sacudiu o braço esquerdo, fazendo a manga do seu manto cair e desnudar o antebraço,

onde uma cicatriz alongada, em forma de lâmina de punhal, se estendia do pulso até ao bíceps. Um ou dois soldados murmuraram qualquer coisa ao ver aquilo e, pela primeira vez desde que ali tinham chegado, descontraíram a mão que segurava a espada.

— Pronto, está verificado — declarou Carroll, impaciente. — É altura de irmos.

— Um momento. — Carlin avançou até ao vão da porta, afastando delicadamente Barty da sua frente. Fê-lo com os pulsos e não com os dedos; devia estar aflita da artrite. A sua aparência era impecável, como de costume, os cabelos brancos impecavelmente apanhados ao alto, descobrindo-lhe o pescoço. Kelsea surpreendeu-se ao ver que também a sua guardiã tinha os olhos ligeiramente vermelhos. Carlin não era dada a choros; raramente demonstrava fosse que emoção fosse.

Ao verem-na, vários dos guardas puseram-se muito direitos. Um ou dois até recuaram um passo, incluindo aquele que trazia a moca. Kelsea sempre achara que Carlin tinha ar de pertencer à realeza, mas ficou surpreendida ao ver aqueles homens, com todas as suas armas, intimidados por uma mulher idosa.

*Graças a Deus, não sou a única.*

— Provem ser quem dizem! — exigiu Carlin. — Como sabemos que vêm da Fortaleza?

— Quem mais saberia onde a vir encontrar exatamente neste dia? — replicou Carroll.

— Assassinos.

Vários dos soldados deixaram escapar um riso indelicado. Mas aquele que trazia a moca avançou um passo e enfiou a mão no manto.

Carlin olhou-o fixamente por um momento.

— A ti eu conheço.

— Trouxe comigo as instruções da rainha — respondeu ele, exibindo um grosso envelope amarelecido pelo tempo. — Para o caso de já não se lembrar.

— Duvido que haja muitos que te esqueçam, Lazarus — respondeu Carlin, com uma nota de censura na voz. Abriu o envelope com gestos rápidos, o que decerto lhe custou horrores, por causa da artrite, e leu rapidamente as instruções. Fascinada, Kelsea ficou ali parada a olhar para a carta. Fazia muito que a sua mãe morrera, mas, ainda assim, aquilo era algo que ela escrevera, algo em que tocara.

Mostrando-se satisfeita, Carlin devolveu a missiva ao guarda.

— A Kelsea tem de ir juntar as coisas dela.

— Tendes apenas alguns minutos, Vossa Alteza. Temos de ir.  
— Agora, Carroll falava para Kelsea; fizera-lhe nova vénia e a jovem percebeu que ele já excluía Carlin dos procedimentos. A própria guardiã também se apercebera dessa transição; o seu rosto parecia de pedra. Kelsea desejava frequentemente que Carlin se enfurecesse, em vez de se refugiar naquela sua parte mais interior e silenciosa, ficando tão fria e tão remota. Os silêncios de Carlin eram algo de terrível.

Kelsea passou rapidamente por entre os cavalos e entrou na casa. Já arrumara as suas roupas nos alforges, mas não os foi buscar, antes parando à entrada da biblioteca de Carlin. As paredes estavam cheias de livros; fora o próprio Barty a fazer as estantes — em carvalho de Tearling — e oferecera-as a Carlin no quarto Natal que Kelsea passara com eles. As memórias que Kelsea tinha desse período eram vagas, mas recordava-se nitidamente daquele dia; ajudara Carlin a arrumar os livros nas prateleiras e chorara um bocadinho por a guardiã não a deixar organizá-los por cores. Tantos anos depois, Kelsea continuava a amar aqueles livros e adorava vê-los todos lado a lado, cada um no lugar que lhe correspondia.

Mas a biblioteca servira também como sala de aula — e, muitas vezes, uma sala de aula nada agradável. Noções de Matemática, Gramática Tear, Geografia e, mais tarde, as línguas dos reinos limítrofes, com os seus estranhos sotaques, a princípio difíceis, mas depois mais fáceis e rápidos de se aprender, até ela já ser capaz de conversar com Carlin mudando facilmente de uma língua para outra, passando do mort ao cadarese e novamente de volta ao mais simples e não tão dramático idioma de Tearling, tudo isto sem tropeçar numa única sílaba. E, acima de tudo, História — a história da humanidade, recuando ao tempo antes da Travessia. Carlin costumava dizer que o essencial era a História, pois fazia parte da natureza humana repetir os mesmos erros uma vez e outra. Ao dizer isto, lançava um olhar severo a Kelsea, franzindo as sobrancelhas em preparação para mais uma crítica qualquer. Carlin era justa, mas era também dura. Se Kelsea acabasse os deveres da escola até à hora do jantar, a sua recompensa era a autorização para ir buscar um livro à biblioteca, podendo ficar acordada até o terminar. Acima de tudo, Kelsea gostava de histórias — histórias de coisas que nunca tinham existido, histórias que a transportassem para lá do mundo imutável daquela casa. Certa noite, ficara acordada até de madrugada a ler um romance particularmente longo e, no dia seguinte, Carlin dispensara-a das suas tarefas e deixara-a dormir até tarde. Mas também havia meses inteiros em que Kelsea se fartava do

estudo ininterrupto e, pura e simplesmente, bloqueava. Nessas fases, não havia histórias nem biblioteca, mas apenas as tarefas domésticas, a solidão e a granítica desaprovação no rosto de Carlin. Por fim, Kelsea acabava sempre por retomar os estudos.

Barty fechou a porta e aproximou-se dela, ouvindo-se um passo arrastado a cada dois que ele dava. Há anos sem conta, fora um dos guardas da rainha, até que levara uma espadeirada na parte de trás do joelho e ficara a coxear. O guardião pousou uma mão firme no ombro dela.

— Não podes adiar mais, Kel.

Voltando-se, Kelsea deparou com Carlin a olhar pela janela. Diante da casa, os soldados estavam inquietos; não paravam de lançar olhadelas ao arvoredo circundante.

*Estão habituados a recintos*, pensou Kelsea; *os espaços abertos deixam-nos alarmados*. As implicações desta ideia — a vida que vaticinava para ela lá na Fortaleza — foram-lhe quase insuportáveis; e logo agora, quando ela achava que já chorara tudo o que tinha para chorar.

— Estes são tempos perigosos, Kelsea — avisou Carlin num tom distante, ainda a olhar pela janela. — Toma cuidado com o regente, mesmo sendo ele teu tio; ainda estava na barriga da mãe e já queria o trono. Mas os guardas da tua mãe são homens de bem e sem dúvida que te protegerão.

— Eles não gostam de mim, Carlin — replicou Kelsea, incapaz de se conter. — Tu disseste que eles iam ficar honrados em serem a minha escolta; mas eles estão aqui contrariados.

Carlin e Barty trocaram um olhar e Kelsea viu o fantasma das muitas discussões que os dois tinham tido no passado. O seu era um casamento esquisito; Carlin tinha, pelo menos, mais dez anos do que Barty e em breve seria uma septuagenária. Não era preciso uma imaginação extraordinária para ver que fora outrora uma beldade, só que a sua beleza endurecera, transformando-se em austeridade. Barty não era bonito; era mais baixo do que Carlin e decididamente mais anafado, mas tinha uma cara bem-disposta e sob os seus cabelos grisalhos espreitavam uns olhos risonhos. Barty não queria saber de livros e Kelsea perguntava-se amiúde de que fariam os dois quando ela não estava presente. De nada, talvez; ela podia mesmo ser o único interesse comum dos dois, aquele que os mantinha juntos. Mas, nesse caso, o que seria deles agora?

— Jurámos à tua mãe que não te falaríamos dos fracassos dela, Kelsea — acabou Carlin por responder —, e cumprimos a nossa promessa. Mas nem tudo na Fortaleza vai ser como julgavas. Eu e o Barty



demos-te boas ferramentas; era essa a nossa incumbência. Mas, depois que te sentares no trono, terás de tomar as decisões difíceis sozinha.

Com uma fungadela desaprovadora, Barty aproximou-se a coxear e agarrou nos alforjes de Kelsea. Carlin lançou-lhe um olhar ríspido, mas ele ignorou-o, pelo que a guardiã o dirigiu então a Kelsea, franzindo as sobrancelhas. Sentindo um aperto no estômago, Kelsea baixou o olhar. Certa vez, há muito tempo, estavam na floresta, a meio de uma lição sobre as várias aplicações do musgo vermelho, quando, a despropósito, Barty deixara escapar: «Se a decisão fosse minha, Kel, esquecia o raio da minha promessa e contava-te tudo o que queres saber.»

«E não é sua porquê?»

Barty baixara o olhar, impotente, para o musgo nas suas mãos e, ao fim de um momento, Kelsea compreendera. Nenhuma decisão naquela casa cabia a Barty; quem mandava era Carlin. Carlin era mais esperta, Carlin não tinha nenhuma incapacidade física. Barty vinha em segundo lugar. Carlin não era cruel, mas Kelsea já sentira vezes suficientes a pressão daquela sua vontade férrea para ser capaz de entender a amargura de Barty — para quase a sentir como sua. Mas, naquela questão, impusera-se a vontade de Carlin. Os conhecimentos de História de Kelsea estavam cheios de espaços em branco e havia muita informação sobre o reinado da sua mãe que ela pura e simplesmente desconhecia. Crescera afastada da aldeia, onde poderia ter obtido respostas; a sua fora, de facto, uma infância no exílio. Mas, em mais do que uma ocasião, ouvira Barty e Carlin conversarem à noite, julgando que ela já adormecera há muito, e agora compreendia, pelo menos, parte do mistério. Vários anos antes, os guardas do regente tinham corrido o reino de lés a lés à procura de uma criança com o fio e com a cicatriz. À procura de Kelsea.

— Pus-te uma prenda num dos alforjes — continuou Carlin, trazendo-a de volta ao presente.

— O que é?

— É uma prenda que logo verás quando já estiveres longe daqui.

Por um momento, Kelsea sentiu a fúria regressar; Carlin estava sempre com segredos! Mas, logo a seguir, encheu-se de vergonha. Barty e Carlin estavam desgostosos... não apenas por ela, mas também pela sua casa. Naquela altura, os batedores do regente andariam a seguir o rasto da Guarda da Rainha por Tearling. Barty e Carlin não poderiam ficar ali; logo depois que ela partisse, eles próprios teriam de se ir embora, rumo a Petaluma, uma aldeia no sul, próxima da fronteira cadarese, onde Barty crescera. Sem a sua floresta, Barty

sentir-se-ia perdido, mas havia outras para ele estudar. Era Carlin quem estava a fazer o sacrifício maior: a sua biblioteca. Aqueles livros eram a coleção de uma vida; salvos e escondidos durante a Travessia, tinham sido preservados durante séculos até lhe serem doados. A guardiã não os poderia levar consigo; facilmente se apanhava o rasto a uma carroça. Iria perder todos aqueles volumes.

Agarrando no seu saco de viagem e pondo-o aos ombros, Kelsea olhou lá para fora, para o décimo cavalo.

— Há tanta coisa que eu não sei...

— Sabes o necessário — retorquiu Barty. — Tens a tua faca?

— Sim.

— Anda sempre com ela. Tem cuidado com o que comes; vê bem de onde veio.

Kelsea abraçou-o. Apesar da sua largura, o guardião tremia de fadiga e, de súbito, a jovem deu-se conta de como ele estava exausto, de como a tarefa de a educar lhe levava energias que ele deveria ter reservado para a velhice. Os braços grossos de Barty apertaram-na por um momento e depois ele afastou-se, os seus olhos azuis agora ferozes.

— Nunca mataste ninguém, Kel, o que está muito bem, mas, a partir de hoje, passas a ser uma presa, entendes? Deves comportar-te de acordo com isso.

Kelsea esperou que Carlin o contradissesse; ela dizia sempre que a força era para os tolos. Mas a guardiã assentiu, concordando com ele.

— Eduquei-te para seres uma rainha capaz de usar a cabeça, Kelsea, e é isso o que vais ser. Mas entraste num período em que a sobrevivência precede tudo o mais. Estes homens tudo farão para que chegues à Fortaleza sã e salva. Depois disso, talvez os ensinamentos do Barty te ajudem mais do que os meus.

Afastando-se da janela, a guardiã veio pousar ternamente uma mão nas costas de Kelsea, o que a sobressaltou. Era raro Carlin tocar em alguém; no máximo, parecia capaz de dar uma palmadinha amistosa nas costas e já isso era como chuva no deserto.

— Mas não deixes que a dependência das armas te tolde o intelecto, Kelsea. Sempre foste capaz de pensar. Não percas essa capacidade; é fácil isso acontecer quando agarramos numa espada.

Um punho masculino bateu com força à porta da frente.

— Vossa Alteza?! — chamou Carroll. — A luz do dia está a acabar.

Barty e Carlin recuaram e o guardião agarrou no alforge que restava. Ambos pareciam muito idosos. Kelsea não queria deixá-los ali; aqueles dois tinham-na criado e tinham-lhe ensinado tudo quanto

sabia. O seu lado irracional pôs, por breves instantes, a hipótese de largar o saco de viagem ali mesmo e de simplesmente fugir pela porta dos fundos — uma alegre e tentadora fantasia que durou dois segundos e de seguida se esfumou.

— Quando será seguro enviar-vos uma mensagem? — perguntou ela. — Quando vão poder deixar o vosso esconderijo?

Barty e Carlin entreolharam-se, um olhar rápido e furtivo, pareceu a Kelsea. Foi o guardião quem finalmente lhe respondeu.

— Ainda vai levar algum tempo, Kel. É que, sabes...

— Vais ter mais com que te preocupares — interveio Carlin num tom ríspido. — Pensa nos teus súbditos e em endireitares este reino. Poderá passar muito tempo até tornares a ver-nos.

— Carlin...

— É tempo de ires — cortou a guardiã.

Os soldados já tinham subido de novo para os seus cavalos; quando Kelsea deixou a casa, olharam-na todos de cima para baixo, um ou dois com indisfarçado desprezo. Lazarus, o soldado da moca, não a observou, antes se fixando na distância. Kelsea começou a prender as suas coisas à sela da sua montada — uma égua ruana que parecia um pouco mais dócil do que o garanhão de Barty.

— Suponho que sabeis andar a cavalo, Vossa Alteza...? — perguntou o soldado que lhe segurava nas rédeas, fazendo a palavra «alteza» soar a uma infeção qualquer. Kelsea arrancou-lhe as rédeas das mãos.

— Sei, sim senhor.

Passou as rédeas de uma mão para a outra para vestir o seu manto de inverno verde e depois para o abotoar; em seguida, subiu para o cavalo e, dali de cima, olhou para Barty, tentando refrear uma terrível premonição de que aquilo era a despedida final. O guardião envelhecera antes de tempo, mas podia viver ainda por longos anos. E, frequentemente, as premonições não queriam dizer nada. Segundo Barty, a vidente pessoal da rainha mort previra que Kelsea não completaria os dezanove anos e, no entanto, ali estava ela.

Lançou a Barty aquilo que esperava ser um sorriso destemido.

— Em breve mando virem buscar-vos.

Ele assentiu, forçando um sorriso rasgado. Carlin empalidecera de tal maneira que Kelsea temeu que ela fosse desmaiar e morrer ali mesmo, mas, em vez disso, a guardiã avançou e estendeu-lhe uma mão. Foi um gesto tão inesperado que Kelsea ficou parada a olhar para aquela mão por um momento, até que se apercebeu de que devia segurá-la. Em todos os anos que vivera com eles, Carlin nunca lhe dera a mão.

— Com o tempo, entenderás — disse a guardiã, apertando-lhe a mão com força. — Entenderás a necessidade de tudo isto. Acautela-te com o passado, Kelsea. Serve bem o reino.

Nem nesta altura Carlin falava de modo direto. Kelsea sempre soubera não ser a criança que a guardiã teria escolhido para tutelar; sabia que a desapontara com o seu feitio indisciplinado e com o pouco que se importava com a enorme responsabilidade que tinha sobre os seus ombros. Afastou a mão e olhou de fugida para Barty, o que fez a sua irritação desaparecer; o guardião já não tentava disfarçar o choro e os sulcos das lágrimas brilhavam-lhe no rosto. Sentindo os seus próprios olhos prestes a encherem-se outra vez de lágrimas, Kelsea apertou as rédeas e fez o cavalo voltar-se para Carroll.

— Podemos ir, capitão.

— Às vossas ordens, senhora. — Sacudiu as rédeas e o seu cavalo começou a descer pelo caminho. — Homens, vamos formar em papagaio; façam um quadrado em volta da rainha — ordenou, falando por cima do ombro. — Só paramos ao pôr do sol.

*Rainha.* Ali estava outra vez aquela palavra. Kelsea tentou pensar em si mesma como uma rainha, mas pura e simplesmente não conseguiu. Decidida a não olhar para trás, tratou de fazer a sua égua acompanhar as montadas dos guardas. Apenas se voltou uma vez, mesmo antes de dobrarem a curva no caminho; Barty e Carlin continuavam de pé à porta da casa, vendo-a afastar-se, como um idoso casal de habitantes da floresta numa lenda há muito esquecida. Depois, desapareceram por trás das árvores.

A égua de Kelsea parecia ser resoluta; avançou pelo terreno irregular sem hesitações. O garanhão de Barty nunca se dera muito bem a andar na floresta; Barty costumava dizer que o seu cavalo era um aristocrata e que tudo o que não fosse caminho a direito não era digno dele. Mas, mesmo montada no garanhão, Kelsea nunca se afastara mais do que apenas alguns quilómetros da casa. Carlin proibira-a de ir mais longe. Sempre que Kelsea falava com anseio das coisas que sabia estarem lá fora, no mundo, a guardiã reiterava a necessidade de ela permanecer escondida e a importância da dignidade de rainha que iria herdar. O seu medo de fracassar era algo para que Carlin não tinha paciência; nem queria ouvir falar em dúvidas. A Kelsea, competia estudar e viver longe das outras crianças, das outras pessoas, do mundo inteiro, sem se queixar.

Certa vez, quando tinha treze anos, montara o garanhão de Barty e fora passear pelo meio do arvoredo, como de costume, mas perdera-se e dera

por si numa zona da floresta que não conhecia. Nunca vira aquelas árvores nem os dois riachos pelos quais passara. Acabou a andar em círculos e já estava prestes a desistir e a desatar aos gritos quando olhou para o horizonte e viu fumo a sair de uma chaminé, a cerca de trinta metros dali.

Aproximando-se, deu com uma casa mais modesta do que a de Barty e de Carlin, feita de madeira em vez de pedra. Ali em frente estavam dois rapazinhos alguns anos mais novos do que ela, a lutarem com espadas a fingir, e Kelsea ficou a observá-los durante muito tempo, apercebendo-se de algo em que nunca antes pensara: uma maneira de crescer completamente diferente da sua. De algum modo, até ali sempre pensara que todas as crianças levavam a mesma vida. Aqueles dois meninos tinham as roupas esfarrapadas, mas ambos usavam camisolas de manga curta — pelos bíceps — que pareciam muito confortáveis. Kelsea apenas podia usar camisolas de gola alta e com mangas compridas e justas, para que ninguém de passagem lhe visse o braço ou o fio — que ela não podia tirar nunca. Ficou a ouvir a conversa daqueles dois meninos e verificou que eles mal sabiam falar tear correto; ninguém os obrigara a passar as manhãs sentados e a serem massacrados com Gramática. Era o meio da tarde, mas eles não estavam a ter nenhuma aula.

«Tu és mort, Emmett. Eu sou tear!», decretou o mais crescido, todo orgulhoso.

«Não sou nada mort! Os mort são baixos!», gritou o mais pequeno. «A mãe diz que tens de me deixar ser também tear!»

«Está bem, és tear, mas eu posso usar magia!»

Depois de os observar durante algum tempo, Kelsea apercebeu-se da verdadeira diferença, daquilo que lhe chamara a atenção: aquelas duas crianças tinham-se uma à outra. Ela vivia apenas a cinquenta metros dali, mas o facto de aqueles dois rapazinhos terem a companhia um do outro fê-la sentir-se como se vivesse na Lua. Tal distância tornou-se ainda maior quando a mãe deles, uma mulher anafada e sem sombra da graciosidade imponente de Carlin, veio cá fora para os chamar para o jantar.

«Ew! Martin! Venham lavar-se!»

«Não!», respondeu o mais pequeno. «O jogo ainda não acabou.»

Puxando um galho seco de um feixe que estava no chão, a mãe entrou também na brincadeira, lutando contra os dois enquanto eles riam e davam gritinhos. Por fim, deu uma mão a cada um para os ajudar a levantarem-se e depois apertou-os contra si e os três entraram juntos, sem nunca deixarem de se abraçar. O crepúsculo ia chegando e, embora soubesse que devia tentar encontrar o caminho para casa,

Kelsea não conseguiu sair dali. Carlin nunca era afetuosa, nem mesmo com Barty; o máximo que Kelsea podia esperar da guardiã era um sorriso. Era a herdeira do trono, sim, e Carlin dissera-lhe inúmeras vezes que essa era uma grande e importante honra. Mas, durante o longo regresso a casa, não conseguiu afastar o sentimento de que aquelas duas crianças tinham mais do que ela.

Quando finalmente lá chegou, já passava da hora do jantar. Tanto Barty como Carlin estavam preocupados; Barty gritara um pouco com ela, mas, sob a gritaria, Kelsea apercebera-se do alívio na expressão dele e, antes de a mandar de castigo para o quarto, o guardião abraçara-a. Carlin limitara-se a olhá-la fixamente e depois informara-a de que estava proibida de pôr o pé na biblioteca pelo resto da semana e Kelsea passara a noite inteira acordada na cama, petrificada pela revelação de que fora completa e monstruosamente aldrabada. Até àquele dia, sempre pensara em Carlin como a sua mãe adotiva — ou mesmo como a sua verdadeira mãe. Mas agora compreendia que afinal não tinha mãe, apenas uma mulher velha e fria que só sabia exigir e recusar.

Dois dias mais tarde, tornou a desrespeitar os limites impostos por Carlin — desta vez de propósito —, decidida a encontrar novamente a outra casa na floresta. Mas, a meio do caminho, desistiu e voltou para trás. A desobediência não lhe sabia bem, antes a aterrorizava; quase conseguia sentir os olhos de Carlin cravados na sua nuca. Nunca mais desrespeitou os limites impostos pela sua guardiã, pelo que o mundo deixou de existir. Colheu toda a sua experiência no arvoredo em volta da sua casa e, aos dez anos, já conhecia cada palmo do mesmo. Agora, com o destacamento de guardas a avançar para uma área da floresta mais afastada, mantendo-a no centro da formação, Kelsea sorriu interiormente e voltou a sua atenção para aquele território que nunca vira.

Dirigiam-se para sul, pelo coração da floresta de Reddick, que ocupava centenas de quilómetros do lado noroeste do reino. Estavam rodeados de carvalhos de Tearling, alguns com quinze ou vinte metros de altura, que formavam um dossel verde por cima deles. Também havia alguma vegetação rasteira, que Kelsea não reconheceu. Os ramos pareciam raízes espinhosas — que tinham propriedades anti-histamínicas e eram boas para fazer cataplasmas. Mas aquelas folhas ali eram mais compridas, mais verdes e mais enroladas, com aquele matiz avermelhado dos carvalhos venenosos. Kelsea tentou evitar que a sua égua seguisse pelo meio daquela folhagem, mas havia algumas partes do caminho em que isso era inevitável; a vegetação ia ficando

mais cerrada à medida que começavam a descer a encosta. Estavam bastante afastados do trilho, mas, ao avançarem por um crepitante tapete dourado feito de folhas de carvalho mortas, Kelsea teve a sensação de que o mundo inteiro os conseguia ouvir.

Os guardas formaram uma configuração em diamante em volta dela, mantendo-se equidistantes apesar das variações de velocidade exigidas pela irregularidade do piso. Lazarus, o da moca, vinha algures atrás dela, onde Kelsea não o podia ver. Pela sua direita, tinha o desconfiado guarda da barba ruiva, que ela ia observando com interesse furtivo enquanto faziam o seu caminho. O gene do cabelo ruivo era recessivo e, nos três séculos decorridos desde a Travessia, fora desaparecendo de forma lenta, mas uniforme. Carlin contara a Kelsea que algumas mulheres — e também alguns homens — gostavam de pintar os cabelos de ruivo, porque tudo o que é raro é sempre mais valioso. Mas, ao fim de uma hora a lançar olhares furtivos ao guarda, Kelsea convenceu-se de que ele era ruivo de verdade. Não havia nenhuma tinta assim tão boa. O homem usava um pequeno crucifixo de ouro que ia saltitando e reluzindo com o andar do cavalo, e também isso fez Kelsea pensar. O crucifixo era o símbolo da Igreja de Deus e Carlin dissera-lhe muitas vezes que tanto a igreja como os seus padres não eram de fiar.

Atrás do ruivo seguia um guarda louro, tão extraordinariamente atraente que Kelsea não resistiu a lançar-lhe vários olhares furtivos, embora ele fosse demasiado velho para ela — já teria bem mais de quarenta anos. O seu rosto era como os dos anjos pintados nos livros de arte pré-Travessia que Carlin tinha na sua biblioteca. Mas ele parecia cansado; pelas suas escuras olheiras, já devia fazer algum tempo que não dormia. Mas, de alguma maneira, esses sinais de exaustão apenas o tornavam mais atraente. Ele voltou o rosto e surpreendeu Kelsea a fitá-lo, e ela fixou imediatamente o olhar em diante, sentindo o sangue a subir-lhe às faces.

À sua esquerda tinha um guarda alto, de cabelos escuros e com uns ombros muito largos. Parecia o tipo de homem com que se ameaça alguém. Na frente dele seguia um outro, bem mais baixo, quase franzino, de cabelos castanho-claros. Kelsea observou demoradamente esse outro guarda, que lhe pareceu ser o mais próximo da sua idade — talvez ainda nem tivesse chegado aos trinta. Tentou ouvir o nome dele, mas, sempre que os dois guardas falavam, faziam-no em voz baixa, claramente para que ela não os ouvisse.

Carroll, o líder, seguia à cabeça da formação em diamante. Dele, Kelsea apenas via o manto cinzento. Ocasionalmente, o capitão

vociferava uma ordem e toda a companhia militar procedia a uma mudança de direção. Prosseguia com toda a confiança, sem pedir orientações a ninguém, e Kelsea estava certa de que ele a levaria até ao destino pretendido. Essa capacidade de comandar era, provavelmente, uma qualidade necessária num capitão de guarda; para sobreviver, iria precisar de um homem como Carroll. Mas como fazer para conquistar a lealdade de qualquer um daqueles homens? O mais provável era eles acharem-na uma fraca. Talvez pensassem isso de todas as mulheres.

Um falcão piou algures por cima deles e Kelsea puxou o capuz mais para a testa. Os falcões eram criaturas muito belas e também davam um bom alimento, mas Barty contara-lhe que, em Mortmesne — e mesmo na fronteira tear —, os falcões eram treinados para matar. Mencionara isto de passagem, apenas um facto curioso, mas Kelsea jamais o esquecerá.

— Homens, virem para sul! — ordenou Carroll e a companhia tornou a mudar de direção. O sol ia desaparecendo rapidamente no horizonte e o vento tornava-se gelado com o aproximar da noite. Kelsea estava desejosa de que parassem, mas preferia gelar na sela a queixar-se fosse do que fosse. A lealdade começava pelo respeito.

«Nunca um governante se aguentou por muito tempo no poder não tendo o respeito daqueles a quem governava», dissera-lhe Carlin inúmeras vezes. «Os governantes que tentam controlar o povo contra a vontade deste não estão a governar coisa nenhuma e frequentemente acabam com a cabeça na ponta de uma lança.»

O conselho de Barty fora ainda mais sucinto: «O monarca que não conquista o seu povo perde o trono.»

Eram palavras sábias e, naquele momento, Kelsea percebeu ainda melhor a sabedoria que encerravam. Mas não sabia o que devia fazer. Como podia ela dar ordens a quem quer que fosse?

*Tenho dezanove anos. Já não é idade para ter medo.*

Mas tinha.

Segurou melhor as rédeas; queria ter-se lembrado de calçar as luvas de montar, mas mal pudera esperar para deixar para trás aquela desconfortável cena diante da casa. Agora, sentia as pontas dos dedos dormentes e tinha as palmas das mãos esfoladas e avermelhadas por causa do couro áspero das rédeas. Puxou as mangas do manto para proteger os nós dos dedos e prosseguiu sem dizer nada.

Uma hora mais tarde, Carroll deu ordem para pararem. Estavam numa pequena clareira com carvalhos de Tearling a toda a



volta e revestida por uma espessa camada de vegetação rasteira que combinava raízes espinhosas com aquela misteriosa planta de folhas vermelhas. Kelsea perguntou-se se algum dos guardas a conheceria. Todo o destacamento de guardas incluía, pelo menos, um médico, e, supostamente, os médicos sabiam identificar as plantas. O próprio Barty fora médico e, embora não devesse ensinar Botânica a Kelsea, ela depressa descobrira que quase todas as lições podiam desviar-se do tema se encontrassem pela frente alguma planta interessante.

Os guardas cerraram fileiras em volta dela e aguardaram que Carroll voltasse atrás. Aproximando-se a trote, o chefe do grupo observou o rosto avermelhado de Kelsea e as suas mãos a apertarem resolutamente as rédeas.

— Se desejardes, podemos passar aqui a noite, Majestade. Já fizemos bastante caminho.

Com algum esforço, ela largou as rédeas e tirou o capuz da cabeça, tentando impedir os seus dentes de baterem. Quando falou, a voz saiu-lhe rouca e insegura.

— Confio no seu parecer, capitão. Seguiremos até onde lhe parecer que é necessário.

Carroll observou-a por um momento e depois olhou em redor da pequena clareira.

— Aqui estamos bem, senhora. Seja como for, vamos ter de acordar cedo e já estamos na estrada há muito tempo.

Os homens desmontaram. Kelsea não estava habituada a longas cavalgadas e, entorpecida, saltou desajeitadamente do cavalo e quase caiu, mas andou meio aos tropeções até recuperar o equilíbrio.

— Pen, a tenda. Elston e Kibb, vão arranjar lenha. Os restantes podem ocupar-se das nossas defesas. Mhurn, vai arranjar-nos alguma coisa para comer. Lazarus, o cavalo da rainha.

— Do meu cavalo cuido eu, capitão.

— Como preferirdes, senhora. O Lazarus dar-vos-á tudo aquilo de que precisardes.

Os soldados dispersaram, cada um entregue à sua tarefa. Kelsea curvou-se para diante, deliciando-se a estalar a coluna. As coxas doíam-lhe tanto como se a tivessem açoitado com toda a força, mas não quis fazer alongamentos a sério diante de todos aqueles homens. Eles eram velhos, certo — demasiado velhos para ela achar qualquer um deles atraente. Mas *eram* homens e, de súbito, Kelsea sentiu-se desconfortável na presença deles — como nunca se sentira com Barty.

Levando a sua égua até uma árvore na orla da clareira, passou as rédeas em volta de um ramo e deu-lhes um nó pouco apertado. Afagou o pescoço macio da égua, mas o animal sacudiu a cabeça e relinchou; não queria festas. Kelsea afastou-se.

— Está bem, rapariga! Já estou a ver que também vou ter de cair nas tuas boas graças...

— Majestade — rosnou uma voz nas costas dela.

Voltando-se, Kelsea deu com Lazarus, que trazia na mão um pente para escovar o pelo aos cavalos. Ele não era tão velho como ela inicialmente julgara, apenas começava a ficar com entradas; era bem possível que pouco passasse dos quarenta. Porém, tinha o rosto bastante sulcado e uma expressão severa. As suas mãos estavam cheias de cicatrizes, mas foi para a moca que ele trazia no cinto — uma esfera de ferro revestida de espigões de aço tremendamente aguçados — que o olhar dela se desviou.

*Um assassino nato*, pensou Kelsea. Uma moca tinha de ser usada com a ferocidade necessária para a tornar eficaz, caso contrário não passava de um enfeite. Deveria ter ficado gelada de medo ao ver tal arma, mas, em vez disso, Kelsea sentiu-se reconfortada com a presença daquele homem que, claramente, quase toda a vida convivera com a violência. Ao agarrar na escova, notou que ele fazia por manter os olhos no chão.

— Obrigada. Por acaso não sabes como se chama a égua?

— Sois a rainha, senhora. O nome da égua será aquele que escolherdes. — O olhar neutro dele encontrou fugazmente o de Kelsea e depois tornou a desviar-se.

— Não me compete dar-lhe um novo nome. Qual foi o que lhe puseram?

— Compete-vos fazerdes tudo o que entenderdes.

— O nome dela, por favor. — Kelsea começava a ficar irritada. Todos eles tinham péssima impressão dela; porquê?

— Nunca lhe puseram nome, senhora. Eu sempre lhe chamei *May*.

— Obrigada. É um bom nome.

Ele começou a afastar-se. Kelsea respirou fundo para ganhar coragem e depois disse calmamente:

— Não te dei autorização para te retirares, Lazarus.

Ele voltou-se, inexpressivo.

— Peço desculpa. Desejais alguma outra coisa, senhora?

— Porque me trouxeram uma égua, quando todos vocês montam garanhões?

— Desconhecíamos se sabíeis andar a cavalo, senhora — respondeu ele e, desta vez, o seu tom de troça era inequívoco. — Desconhecíamos se teríeis mãos para um garanhão.

Kelsea semicerrou o olhar.

— O que raio julgaram que eu tinha andado a fazer na floresta durante todos estes anos?

— A brincar com bonecas, senhora. A experimentar penteados. A experimentar vestidos, talvez.

— Achas-me com *aspetto* de menina delicada, Lazarus? — Kelsea apercebeu-se de que subira de tom. Várias cabeças tinham-se voltado para eles os dois. — Tenho cara de quem passa horas à frente do espelho?!

— De maneira nenhuma.

Kelsea sorriu, um sorriso seco que lhe exigiu algum esforço. Barty e Carlin nunca tinham tido espelhos em casa e, durante muito tempo, ela achara que o objetivo era não a deixarem tornar-se vaidosa. Mas um dia, quando tinha doze anos, vislumbrou o seu rosto no lago nas traseiras da cabana e então compreendera com perfeita nitidez: a sua aparência era tão banal como aquelas águas.

— Posso retirar-me, senhora?

Ela fitou-o por um momento, pensativa, e depois respondeu:

— Depende, Lazarus. Tenho um alforge cheio de bonecas e de vestidos com que me entreter. Ou queres fazer-me um penteado?

Ele ficou ali parado por um momento, os seus olhos escuros imperscrutáveis. Depois, inesperadamente, curvou-se numa vénia — uma atitude exagerada, demasiado ostensiva para ser sincera.

— Podeis chamar-me Moca se assim entenderdes, senhora. É como quase toda a gente me trata.

E afastou-se, o seu manto cinza-pálido a desaparecer por entre as sombras do anoitecer ali na clareira. Kelsea lembrou-se da escova na sua mão e então voltou-se para tratar da égua; enquanto a escovava, os seus pensamentos foram correndo desgobernados.

*Talvez os conquistes com alguma atitude corajosa.*

*Nunca bás de ter o respeito desta gente. Já vais com sorte se não morreres antes de chegarem à Fortaleza.*

*Talvez. Mas alguma coisa tenho de fazer.*

*Falas como se tivesses opções. Tudo o que podes fazer é o que eles te mandarem.*

*Sou a rainha. Eles não mandam em mim.*

*É o que julga a maioria das rainhas, até ao instante em que o machado desce.*

Jantaram uma carne de veado rija que, depois de assar na fogueira, não ficara senão comestível. O veado já devia ser muito velho. Durante a cavalgada pela floresta de Reddick, Kelsea vira apenas alguns pássaros e esquilos, ainda que a vegetação fosse abundante — portanto, água não faltava. Queria perguntar aos soldados a que se devia a escassez de fauna, mas temia que eles levassem isso como uma queixa em relação à comida. Por isso, foi mastigando em silêncio a carne rija, tentando ao máximo não se pôr a observar os guardas à sua volta, todos eles de armas a penderem-lhes do cinto. Nenhum deles falava e ela não pôde evitar pensar que era a causadora daquele silêncio, que a sua presença os impedia de se distraírem a conversar à vontade.

A seguir ao jantar, lembrou-se do presente de Carlin. Agarrando numa das várias lanternas acesas em redor da fogueira, foi buscar o seu saco de viagem à sela da égua. Dois guardas, Lazarus e aquele mais alto, o de ombros largos, em quem ela reparara enquanto cavalgavam, afastaram-se da fogueira e seguiram-na até ao cercado improvisado, mal se escutando os seus passos. Depois de tantos anos passados em solidão, o mais certo era jamais tornar a estar sozinha, pensou Kelsea. Talvez tal ideia devesse tê-la reconfortado, mas, em vez disso, gelou-lhe o estômago. Recordou um fim de semana, quando tinha sete anos, em que Barty se preparava para viajar até à aldeia, para trocar carne e peles por outras coisas. Fazia aquela viagem a cada três ou quatro meses, mas, desta vez, Kelsea resolvera que queria acompanhá-lo; desejava tanto ir que pensou honestamente que morreria se o guardião não a levasse consigo. Fizera uma birra tremenda à porta da biblioteca, com lágrimas e berreiro com fatura, e até dera pontapés no chão, tal era a sua frustração.

Carlin não tinha paciência para fitas; durante uns minutos, tentara falar com ela racionalmente, mas depois desaparecera no interior da biblioteca. Fora Barty a limpar-lhe o rosto e a sentá-la nos joelhos até ela parar de chorar.

«És uma menina valiosa, Kel», explicara-lhe. «Tão valiosa como o couro ou como o ouro e, se alguém soubesse que te temos aqui connosco, depois tentava roubar-te. Não queres que ninguém te leve, pois não?»

«Mas, se ninguém sabe que eu estou aqui, então estou completamente sozinha», respondera ela por entre soluços. Estava absolutamente convencida daquela afirmação: por ser um segredo, estava sozinha.

A sorrir, Barty abanara a cabeça.

«É verdade, Kel, ninguém sabe que estás aqui. Mas o mundo inteiro sabe quem és. Pensa nisso por um instante. Como podes estar sozinha se, longe daqui, o mundo inteiro pensa em ti todos os dias?»

Mesmo aos sete anos, Kelsea achara aquela resposta de Barty muito manhosa. Chegara para lhe secar as lágrimas e para aplacar a sua fúria, mas, por várias vezes nas semanas seguintes, virara e revirara aquela frase, à procura da falha que sabia haver na mesma. Foi só cerca de um ano depois, quando lia um dos livros de Carlin, que deu com a palavra que desde o início procurava: não era «sozinha», mas sim «anónima». Fora mantida anónima durante todos aqueles anos e, durante muito tempo, acreditara que Carlin — e talvez o próprio Barty — a mantinha ali escondida apenas por crueldade. Mas agora, com aqueles dois homens altos quase a pisarem-lhe os calcanhares, perguntou-se se o seu anonimato não teria sido uma dádiva. E, sendo esse o caso, tal dádiva esfumara-se.

Os guardas iam dormir à volta da fogueira, mas tinham armado uma tenda para ela, cerca de seis metros mais para a orla da clareira. Depois de lá entrar e de a fechar, Kelsea ouviu os dois guardas postarem-se de um lado e do outro da porta, após o que se fez silêncio.

Largando o seu saco no chão, pôs-se a procurar por entre as roupas, até que encontrou um envelope de velino — um dos poucos luxos de Carlin. Sentiu qualquer coisa a deslizar ligeiramente ali dentro, a sua forma a alterar-se. Sentando-se na cama, pousou nela o envelope e fitou-o, rezando para que estivesse carregado de respostas. Fora levada da Fortaleza quando ainda nem um ano completara e não tinha qualquer recordação da sua verdadeira mãe. Ao longo dos anos, conseguira juntar um punhado de factos relativos à Rainha Elyssa: era bela, não gostava de ler e morrera aos vinte e oito anos. Kelsea não fazia ideia de como a sua mãe morrera; isso era terreno proibido. Qualquer estratégia que usasse para fazer perguntas a respeito da mãe dava o mesmo resultado — Carlin abanava a cabeça e murmurava: «Eu prometi.» O que quer que ela tivesse prometido, talvez fosse acabar naquele dia. Kelsea observou demoradamente o envelope e depois agarrou-o e quebrou o selo da sua guardiã.

Do interior deslizou uma pedra preciosa azul numa fina corrente de prata.

Kelsea ergueu a corrente, deixando-a pender-lhe dos dedos e examinando-a à luz da lanterna. Era idêntica à que usara ao pescoço durante quase toda a sua vida: uma safira lapidada em corte esmeralda, a pender de uma corrente de prata muito fina — quase de gosto

requintado, dir-se-ia. A safira reluziu alegremente à luz da lanterna, projetando raios azulados intermitentes pelo interior da tenda.

Kelsea tornou a enfiar os dedos no envelope, à procura de uma carta. Nada. Verificou um canto e depois o outro. Virou o envelope ao contrário e examinou o interior à luz, e então viu uma única palavra rabiscada por baixo do selo, na letra de Carlin.

### *Cuidado.*

Uma súbita explosão de gargalhadas vinda de junto da fogueira sobressaltou-a. De coração acelerado, ficou à escuta de algum som da parte dos dois guardas que estavam do lado de fora da tenda, mas não ouviu nada.

Tirou o fio que trazia ao pescoço e segurou os dois lado a lado. Eram, de facto, idênticos, gémeos perfeitos até aos pormenores das correntes. Seria fácil confundir-los. Kelsea apressou-se a colocar novamente o seu ao pescoço.

Tornou a erguer o novo fio e, intrigada, pôs-se a observar a joia a oscilar. Carlin contara-lhe que todo o herdeiro do trono de Tearling usava aquela safira desde o dia em que nascia. Corria a lenda de que aquela joia era uma espécie de talismã contra a morte. Quando era mais pequena, por mais do que uma vez pensara em tirar o fio, mas ganhara a superstição; e se fosse atingida por um raio ali mesmo onde estava? Por isso, nunca se atrevera a tirá-lo. Carlin nunca mencionara uma segunda joia, mas, provavelmente, tivera-a consigo durante todo aquele tempo. Segredos... Com Carlin, tudo eram segredos. Kelsea não sabia porque lhe teria sido entregue para ela a criar, ou quem Carlin fora anteriormente — alguém importante, supunha; a sua guardiã tinha um porte demasiado altivo para ter passado toda a sua vida numa casa na floresta. Até a própria presença de Barty parecia desvanecer-se quando Carlin entrava numa divisão.

Ficou a olhar para a palavra escrita no interior do envelope: *Cuidado*. Seria aquilo apenas mais um lembrete de que, nesta sua nova vida, ela devia ter sempre cuidado? Não lhe parecia; passara as últimas semanas a ouvir tudo quanto havia para dizer sobre o assunto. Era mais provável que aquele novo fio fosse diferente em algum aspeto; podia, inclusivamente, ser perigoso. Mas de que forma? De certeza que o fio que ela naquele momento trazia ao pescoço não era perigoso; se o fosse, duvidava muito que Barty e Carlin a tivessem deixado usá-lo diariamente.

Observou a segunda joia a baloiçar, toda pomposa, com a pálida luz da lanterna a refletir-se nas muitas facetas. Sentindo-se tola, Kelsea enfiou o fio no bolso do peito do seu manto. Talvez à luz do dia fosse mais fácil descobrir as diferenças entre os dois. Pôs o envelope na lanterna e ficou a ver as chamas a devorarem o papel grosso, sentindo uma raiva surda a pulsar-lhe na mente. Só mesmo Carlin para lhe arranjar mais perguntas em vez de respostas.

Espreguiçando-se, Kelsea olhou para o teto da tenda. Apesar dos homens ali fora, sentia-se completamente isolada. Durante toda a sua vida, noite sim, noite não, dava-se conta da presença de Barty e de Carlin no rés do chão da casa, os dois ainda acordados, Carlin com um livro nas mãos e Barty a trabalhar um pedaço de madeira com o canivete ou então de volta de alguma planta que encontrara, tentando perceber se dali poderia fazer algum anestésico ou antibiótico. Agora, Barty e Carlin já se encontravam bem longe da casa, a caminho do sul.

*Não tenbo ninguém.*

De junto da fogueira chegou novo coro de risos, este mais discreto. Por instantes, Kelsea pôs a hipótese de ir até lá fora e de tentar, pelo menos, falar com os guardas, mas depois pôs essa ideia de parte. Eles estavam a falar de mulheres, de batalhas ou talvez de antigos companheiros... A presença dela não seria bem-vinda. Além disso, o frio e o trajeto a cavalo tinham-na deixado exausta e com os músculos das coxas a doerem-lhe horripelmente. Apagando a chama da lanterna com um sopro, voltou-se de lado e aguardou a chegada de um sono inquieto.

**N**o dia seguinte fizeram mais lentamente o trajeto, porque o tempo se pusera embrulhado. O ar perdera aquele frio cortante, mas, agora, uma fina e pálida névoa agarrava-se a tudo, rodeando os troncos das árvores e deslizando sobre o chão num ondular visível a olho nu. O terreno ia aplanando gradualmente e, hora a hora, a floresta ficava menos densa, com as árvores a darem lugar a uma compacta vegetação rasteira. Começaram a aparecer mais animais, a maioria dos quais Kelsea nunca vira — uns esquilos mais pequenos e umas criaturas parecidas com cães, que se babavam sem parar e que poderiam ter sido confundidas com lobos, se não fossem tão dóceis e se não fugissem mal avistavam a cavalgada. Porém, não viram um único veado e, finda a manhã há muito tempo, Kelsea apercebeu-se de mais um motivo para a sua inquietação crescente: não se ouvia um único pássaro.

Os guardas também pareciam mais prudentes. Kelsea acordara várias vezes durante a noite com os risos que não paravam de chegar de junto da fogueira e perguntara-se se em alguma altura eles se calariam e se tratariam de dormir. Mas agora, com o piorar do tempo, pareciam ter perdido toda a animação. À medida que o dia avançava, Kelsea notou que mais e mais guardas iam lançando olhares acossados para trás, embora ela nada visse para além de árvores.

Perto do meio-dia, pararam para os cavalos beberem água num riacho que atravessava a floresta. Carroll tirou para fora um mapa e debruçou-se sobre o mesmo com vários dos guardas; pelos fragmentos de conversa que ia apanhando, Kelsea deduziu que a névoa, por esconder os pontos de referência, lhes estava a causar problemas.

A coxear, aproximou-se de um pedregulho aplanado junto ao riacho. Sentar-se ali foi uma tortura; ao dobrar os joelhos, pareceu-lhe que os músculos das suas ancas se estavam a desagarrar do osso. Com algumas manobras, lá conseguiu sentar-se de pernas cruzadas e então descobriu que também o seu rabo estava dorido depois de tantas horas na sela.

Elston, o possante guarda dos ombros largos que fizera grande parte do percurso a cavalgar ao lado dela, seguiu-a até ao pedregulho e postou-se a metro e meio de distância. Quando Kelsea ergueu o olhar, ele abriu um sorriso nada agradável, revelando uma fiada de dentes partidos. Tentando ignorá-lo, Kelsea estendeu uma das pernas e tentou agarrar no pé. Foi como se lhe estivessem a fazer em tiras os músculos das coxas.

— Dorida? — perguntou-lhe Elston. Por ter os dentes naquele estado, as palavras saíam-lhe entarameladas. Kelsea precisou de um instante para decifrar o que ele lhe dissera.

— De maneira nenhuma.

— Ora, mal conseguis andar... — Após uma risada, acrescentou: — Senhora.

Estendendo as mãos, Kelsea agarrou os dedos dos pés. Os músculos das suas coxas gritaram e ela teve a sensação de que estavam em carne viva, a rasgarem-se e a sangrar por dentro dela. Segurou os dedos dos pés durante cinco segundos, talvez, e depois largou-os. Quando tornou a olhar para Elston, ele exibia ainda aquele seu sorriso serrilhado. O guarda não lhe disse mais nada; limitou-se a ficar ali até ser altura de subirem novamente para os cavalos.

Armaram o acampamento quase ao pôr do sol. Kelsea mal pisara o chão quando as rédeas lhe foram puxadas da mão; voltando-se, deu com o Moca a afastar-se levando a égua dela. Abriu a boca para protestar, mas



depois mudou de ideias e voltou-se para encarar os restantes guardas, entregues às respetivas tarefas. Kelsea reparou que o mais novo de todos ia tirando dos alforges as várias partes da tenda dela.

— Eu faço isso! — gritou Kelsea, atravessando a clareira num passo decidido e estendendo a mão para lhe ser dada alguma ferramenta. Mas também podia ser uma arma. Não lhe fazia diferença; nunca se sentira tão inútil.

— São precisas duas pessoas para montar a tenda, Majestade. — ressalvou o guarda ao entregar-lhe um maço de cabeça achatada. — Posso ajudar-vos?

— Claro — retorquiu ela, satisfeita.

Com uma pessoa a segurar as estacas enquanto outra as martelava, não custava nada armar a tenda e Kelsea foi conversando com o guarda enquanto fixava cada estaca. Ele chamava-se Pen e era, de facto, relativamente jovem; não parecia ter mais de trinta anos e a sua cara não exibia as rugas nem o desgaste que pareciam sulcados nos rostos dos restantes guardas. Era bem-parecido, com cabelos escuros e com uma expressão acessível e simpática. Mas, na verdade, todos os guardas da sua mãe eram atraentes, até mesmo os que já passavam dos quarenta, incluindo Elston (desde que mantivesse a boca fechada). Seria possível que a sua mãe tivesse escolhido os seus guardas apenas pela aparência física?

Kelsea não teve qualquer dificuldade em conversar com Pen. Quando lhe perguntou a idade, ele respondeu-lhe que o seu trigésimo aniversário fora quatro dias antes.

— És demasiado novo para teres pertencido à guarda da minha mãe.

— Tendes razão, senhora. Não cheguei a conhecer a vossa mãe.

— Então porque te trouxeram eles nesta missão?

Encolhendo os ombros, Pen indicou a sua espada, gesto que dispensava explicações.

— Há quanto tempo és um guarda?

— O Moca descobriu-me quando eu tinha catorze anos, senhora. Venho sendo treinado desde então.

— Sem ninguém a ocupar o trono? Tens estado ao serviço do meu tio?

— Não, senhora. — Uma sombra de desagrado cruzou a expressão de Pen, tão fugaz que poderia até ter sido imaginação dela. — O regente tem a sua própria guarda.

— Compreendo. — Dando uma última martelada numa estaca, Kelsea pôs-se de pé e, com uma careta, espreguiçou-se até sentir as costas a estalarem.

— Estais a adaptar-vos bem ao nosso ritmo de viagem, Alteza? Imagino que não tereis feito muitas viagens longas a cavalo.

— O nosso ritmo de viagem está ótimo. E é o necessário, segundo entendo.

— Lá nisso tendes razão, senhora. — Olhando em redor, Pen baixou a voz. — Estão a seguir-nos sem dar tréguas.

— Como é que sabes?

— Os falcões. — Pen apontou para o ar. — Desde que deixámos a Fortaleza que nos seguem. Ontem chegámos tarde porque fizemos uma série de desvios, para despistarmos possíveis seguidores. Mas não há como enganar os falcões. Quem quer que os controle deve vir-nos no encalço...

Pen calou-se. Kelsea agarrou noutra estaca e, num tom muito casual, comentou:

— Hoje não ouvi nenhum falcão.

— Os falcões mort não fazem barulho, senhora. Treinam-nos para serem silenciosos. Mas conseguimos vê-los no céu de vez em quando, se estivermos atentos. São rápidos como demónios.

— E não nos atacam porquê?

— Por sermos muitos. — Pen esticou o último canto da tenda para Kelsea cravar ali a estaca. — Os mort treinam os seus falcões como se fossem soldados e eles não se põem em risco atacando uma força que lhes seja superior. Hão de tentar eliminar-nos um a um, se conseguirem.

O jovem guarda calou-se outra vez e Kelsea apontou-lhe o maço.

— Não tenhas medo de me assustar. Devo aprender a temer a morte, independentemente do que decidas contar-me.

— Talvez, senhora; mas, à sua maneira, o medo pode tolher-nos.

— Esses que nos seguem estão a mando do meu tio?

— É provável, senhora, mas os falcões sugerem que o vosso tio está a ser ajudado.

— Explica lá isso.

Olhando por cima do ombro, Pen sussurrou:

— Foi uma ordem direta. Se o Carroll perguntar, é o que lhe vou dizer. Há anos que o vosso tio está em contacto com a Rainha Vermelha. Até há quem diga que eles forjaram uma aliança secreta.

A Rainha de Mortmesne. Ninguém sabia quem ela era nem de onde vinha, mas tornara-se uma monarca muito poderosa, presidindo a um longo e sangrento reinado que já durava há mais de um século. Carlin considerava Mortmesne como uma ameaça; uma

aliança com o reino vizinho poderia ser favorável. Antes que Kelsea pudesse fazer-lhe nova pergunta, Pen continuou:

— Supostamente, os mort não devem vender armas aos tear, mas basta ter dinheiro suficiente para se conseguir arranjar falcões mort no mercado negro. O meu palpite é o de que temos os caden na nossa peugada.

— A liga de assassinos?

Pen resfolegou.

— Chamar-lhes «liga» é atribuir-lhes demasiada organização, senhora. Mas sim, eles são assassinos e muito competentes. Corre o rumor de que o vosso tio ofereceu uma generosa recompensa a quem vos encontrar. Os caden vivem para tais desafios.

— Seremos muitos não os demoverá também?

— Não.

Kelsea olhou em redor, digerindo esta informação. Ao centro do acampamento, três guardas estavam agachados de volta da pilha de lenha que ali tinham juntado, praguejando a cada tentativa falhada de a acenderem. Os outros iam arrastando troncos de árvores caídos, improvisando uma vedação em volta do acampamento. O propósito por detrás de todas aquelas defesas era agora bastante claro e Kelsea sentiu uma pontada de medo impotente, misturado com culpa. Juntamente com ela, aqueles nove homens tinham passado a ser também alvos.

— Capitão!

Surgindo de entre as árvores, Carroll avançou com passos pesados.

— O que é?

— Um falcão; surgiu de noroeste.

— Bom trabalho, Kibb. — Esfregando a testa, Carroll refletiu por um momento e depois aproximou-se da tenda.

— Pen, vai ajudá-los com o jantar.

O jovem guarda lançou a Kelsea um breve sorriso malandro, como que a dizer-lhe que estava do lado dela, e depois desapareceu no escuro.

Os olhos de Carroll eram dois círculos negros.

— Eles aproximam-se, senhora. Estamos a ser seguidos. — Kelsea assentiu. — Sabeis lutar?

— Consigo defender-me de um atacante isolado com a minha faca. Mas de espadas entendo pouco. — E, apercebeu-se Kelsea de repente, as suas técnicas de autodefesa tinham-lhe sido ensinadas por Barty, cujos reflexos já não eram os de um jovem. — Não sou uma guerreira.

Carroll inclinou a cabeça e um lampejo divertido cruzou-lhe os olhos negros.

— Não sei se diria o mesmo, senhora. Tenho-vos observado ao longo do trajeto; sabeis esconder bem a inquietação. Mas estamos a chegar ao ponto... — Carroll olhou em volta e depois continuou em voz mais baixa. — Estamos a chegar ao ponto em que poderá ser necessário eu dividir os meus homens, para despistarmos o inimigo. Se assim for, então a minha escolha do vosso guarda-costas dependerá muito das vossas próprias capacidades.

— Bem, eu leio depressa e sei fazer um guisado.

Carroll assentiu aprovadamente.

— Sabeis encarar a situação com bom-humor, senhora. Isso ser-vos-á útil. Estais a iniciar uma vida muito perigosa.

— Todos vocês se colocaram sob enorme perigo para me escoltarem até à Fortaleza, não é verdade?

— A vossa mãe confiou-nos esta tarefa, senhora — retorquiu o capitão da guarda com toda a formalidade. — A nossa honra não nos permitiria fazer menos.

— Tu eras o homem de confiança da minha mãe, certo?

— Era.

— Depois que eu chegue à Fortaleza, tornar-te-ás no homem de confiança do regente?

— Ainda não decidi, senhora.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para influenciar essa decisão? Ele desviou o olhar, claramente desconfortável.

— Senhora...

— Fala livremente.

Carroll fez um gesto de impotência.

— Senhora, julgo que sois bem mais forte do que pareceis. Pareceis-me uma jovem que um dia poderá dar uma verdadeira rainha, mas estais marcada para morrer, tal como aqueles que vos seguem. Eu tenho família, senhora. Tenho filhos. Jamais apostaria os meus filhos num jogo de cartas; não posso colocar em risco a vida deles para vos seguir, não quando as probabilidades são as que se nos apresentam.

Kelsea assentiu, fazendo por esconder a sua decepção.

— Entendo.

Carroll pareceu ficar aliviado. Talvez tivesse pensado que ela iria começar a chorar.

— Devido ao cargo que ocupo, jamais ficaria a par de algum plano em concreto contra vós. Podereis ter melhor sorte se perguntardes ao Lazarus, aquele a quem nós tratamos por Moca; esse sempre teve jeito para descobrir o que os outros não conseguem.